

Ferdinand Verbiest

A defesa dos interesses da Coroa Portuguesa em Macau e o contributo dado à História da Imprensa Missionária

À memória do Pe. Edward J. Malatesta, S. J. (1933-1998)

Manuel Cadafaz de Matos

A FIGURA DO FLAMENGO FERDINAND VERBIEST, padre da Companhia de Jesus, no panorama dos estudos orientalistas de matriz portuguesa, ainda não mereceu – contrariamente ao que tem sucedido por parte de investigadores de outras nações – um estudo de fundo. Os contributos de incidência sócio-política, científica e religiosa, ao serviço do Padroado Português do Oriente, em particular na China do século XVII, bem o continuam a justificar.

Tomamos como terreno de fundo deste nosso trabalho duas vertentes muito específicas da sua acção. Será analisada, primeiramente, a relação bilateral entre Portugal e a China no início do terceiro quartel do século XVII. Ela é perspectivada, no essencial, através da carta latina que esse missionário enviou da China, em 1 de Setembro de 1678, ao rei de Portugal D. Pedro II, e que aqui se divulga na íntegra. São dados a conhecer, de igual modo, alguns dos mais destacados contributos que ele deu ao domínio científico da História da Imprensa missionária em terras da China nesse mesmo período.

Ainda muito novo, Ferdinand Verbiest – que nascera na Flandres, na localidade de Pitthem (nas imediações de Coutraï) em 9 de Outubro de 1623 – foi recebido no noviciado na cidade de Malines, em 29 de Setembro de 1641¹. Tendo aí exercido o magistério, em Humanidades e em Retórica, durante cerca de cinco anos, algum tempo depois, mais precisamente em 1654, já se encontrava a estudar Teologia em Roma.

A chegada a esta cidade de notícias dos avanços dos trabalhos de evangelização em terras da Ásia Extrema, era então frequente. O mesmo sucedia com a publicação, neste período e em tal cidade (e muitas outras), quer de car-

Retrato do Pe. Ferdinand Verbiest, S. J., pormenor.
Arquivos da Casa Provincial dos Missionários CICM
(Scheut), Bruxelas. Institut Ricci, Paris.

tas-ânuas chegadas do Oriente, quer de outros tipos de relatos de acções missionárias e de martírios pela mesma causa.

Admitimos que essa conjuntura, aliada ao seu vincado espírito de sacrifício, terá pesado na decisão – quer quando se encontrava ainda em Bruges ou, desta feita, em Roma – de partir para terras em fase de missionação (e colonização) por parte de potências da Europa do ocidente, como as Américas. Impondo a si próprio uma formação teológica exigente, os seus estudos teológicos romanos em breve viriam a ter continuidade na Península Ibérica.

Ferdinand Verbiest – ou por decisão própria ou por incumbência (ao nível de formação por parte da Companhia de Jesus que servia) – já se encontrava, em Abril de 1655, na Universidade de Sevilha. Nesse mês defendeu aí, com efeito, teses públicas de Teologia. É o que se depreende da afirmação de um dos mais credenciados bibliógrafos da Companhia, o Pe. Sommervogel, ao aludir às «*Theses theologicae propugnabuntur praeside R. P. Ludovico de Sola, S. Th. professore primario, a P. Ferdinando Verbiest, S.J.*», naquela data.

Em 1657, com 34 anos, Verbiest viajou para Lisboa. Nesta cidade, tendo D. João IV falecido em 1654, reinava (na menoridade de D. Afonso VI) D. Luís de Gusmão.

O seu destino missionário, porém, não era o mesmo. Aqui embarcado numa nau a caminho das terras de eleição, o evangelizador estava ciente das dificuldades que iria enfrentar no terreno. Não seguia, porém, para as Américas. Os seus Superiores tinham-lhe feito sentir a necessidade de evangelizar os gentios da China.

Não restam dúvidas de que Verbiest passou algum tempo na cidade de Velha Goa² (ou eventualmente no porto de Cochim). Sendo esse apenas o cumprimento obrigatório de um itinerário, em de 1659 já se encontrava instalado no Colégio da Companhia de Jesus da Madre de



Deus³, na cidade portuária de Macau, um dos berços da cristandade do Extremo Oriente.

Nesta colégio, em 5 de Fevereiro de 1659, Ferdinand Verbiest – ao que registam alguns dos seus mais credenciados biógrafos como Bosmans⁴ ou Du Halde⁵, fez a profissão dos quatro votos. Aí se manteve, presumivelmente mais alguns meses, antes de dar entrada na China.

Os dados em presença indicam que este missionário flamengo ainda se encontrasse na residência nesta cidade quando, dois meses depois, aí faleceu o seu correligionário Pe. António Francisco Cardim⁶, que há mais de duas décadas atrás desempenhara aí as funções de Reitor do Colégio da Companhia⁷.

2. O papel dos jesuítas em Macau e em Pequim em meados do século XVII, visto através da carta de Verbiest ao rei de Portugal (1678)

Tendo permanecido nesses meses em Macau, é evidente que o Pe. Verbiest captou, no essencial – como virá a dar testemunho disso, algum tempo depois, na sua epistolografia manuscrita e impressa – o papel que então Portugal tinham naquele território tanto ao nível do poder político como das instâncias religiosas, jesuítas ou outros⁸ (contribuindo assim, no concerto das outras nações com interesses na Ásia, para o engrandecimento da Coroa «lusíada» naquele território).

Ainda durante uma parte de 1659 foi dado ao Pe. Ferdinand Verbiest, depois da sua entrada na China, evangelizar as populações da região de Chen-si. Fê-lo, efectivamente, na companhia do Pe. Ferraris durante algum tempo.

Em 9 de Maio de 1660, porém, saiu dessa região em direcção à Corte, em Pequim. Tinha sido chamado para dar colaboração, não só num plano missionário como também científico, ao Pe. Adam Schall, germânico como é sabido, então já de idade bastante avançada⁹.

Não é nosso intuito deter-nos, aqui, sobre a acção evangelizadora e científica que desenvolveu entre 1659 e 1674, área de que aliás se ocuparam exaustivamente alguns dos seus biógrafos¹⁰. Diremos apenas que em 1664 – dois anos depois do agravamento das perseguições aos missionários europeus na China – ele esteve prisioneiro na capital do império, entre 16 de Novembro (daquele ano) e 2 de Maio de 1665, sendo libertado definitivamente em 1669¹¹. «Nesse último ano, com efeito, mais precisamente em 1 de Abril – dada a sua reconhecida cultura científica (em particular no domínio das Matemáticas e Astronomia) – o imperador nomeou-o Presidente do Tribunal das Matemáticas¹². É nesse cargo que ele se torna num dos principais

obreiros que meteu então ombros à reconstrução do Observatório Astronómico de Pequim».

Os trabalhos dessa reconstrução, ao regista Joseph Needham, prolongaram-se até 1672¹³. É presumivelmente nesse período que principia a conceber uma série de desenhos científicos sobre instrumentos de precisão astronómica que, já no final da primeira metade dessa década de 70, virão a estar na origem das gravuras que veio a publicar na capital chinesa (e a que faremos referência mais adiante).

2.1. Pe. Verbiest defende interesses de Portugal, junto à Corte imperial em Pequim

Entre 1667 e 1670 tem lugar a primeira embaixada de Portugal na China. O rei D. Pedro II¹⁴ envia em sua representação junto do imperador da China Kangxi, o embaixador Manuel de Saldanha. Este leva em sua companhia o jesuíta Francisco Pimentel, que acabará por redigir uma pormenorizada relação sobre os acontecimentos registados¹⁵, sobre uma missão político-diplomática que acabará por se traduzir num significativo êxito.

Não restam hoje dúvidas que foi deveras importante para Portugal e para este seu legado que tenha sido então nomeado como intérprete, nas negociações havidas no Palácio Imperial de Pequim, o jesuíta Ferdinand Verbiest¹⁶ (actos a que também esteve presente o Pe. Luís Buglio). Tal deveu-se, obviamente, ao prestígio que aquele jesuíta flamengo desfrutava na Corte em Pequim.

Com essa embaixada o rei de Portugal (nomeadamente também pelos apoios recebidos dos jesuítas Jacques le Faure e Gabriel de Magalhães) conseguiu obstar à destruição de Macau e reabrir o seu porto às potências estrangeiras¹⁷. Este foi, sem dúvida, um dos assinaláveis triunfos dessa missão diplomática.

A actuação do Pe. Verbiest, nessas negociações, saldou-se para Portugal deveras positivamente na medida em que ele tinha um particu-



lar reconhecimento pela acção missionária que a Coroa portuguesa vinha implementando também em terras da China (no âmbito do Padroado Português do Oriente, sancionado pela Cúria Romana). Esta postura do missionário belga ocorreu num período em que os seus trabalhos se viram também para área da circulação dos saberes ao nível do impresso.

havia já dado mostras do seu interesse pela arte tipográfica, em Pequim, a partir de 1673-1674 é por demais evidente o seu empenho nos trabalhos de impressão. Este flamengo – na sua qualidade de Presidente do Tribunal das Matemáticas – imprimiu em 1674, com efeito, pelo método xilográfico e com o apoio de alguns seus correligionários (ou também com o de alguns técnicos chineses) os (seus) trabalhos *Liber Organicus. Para um Novo Esferograma* e o *Mapa-mundo*.

Já em Agosto de 1678, por seu lado, é manifesta a sua continuidade neste mesmo tipo de acção. Faz então imprimir a *Epistola ad Socios Missa...*, dirigida sobretudo a outros religiosos na Europa que apostassem na missão da China¹⁸.

É precisamente do período desse último trabalho, impresso xilograficamente, que data a carta enviada pelo Pe. Ferdinand Verbiest ao rei de Portugal, D. Pedro II, a qual foi redigida em 1 de Setembro de 1678¹⁹.

3. A carta do Pe. Verbiest de 1 de Setembro de 1678 dirigida a D. Pedro II de Portugal e os problemas que suscita

É indiscutível, pelo teor desta missiva que adiante se publica, que o Pe. Ferdinand Verbiest mantinha bem viva na memória, nesse ano de 1678, não só a sua presença em Macau como também (e sobretudo) a impressão favorável da acção dos missionários portugueses na China, a partir daquele território e centrada no Colégio da Madre de Deus.

Numa primeira instância, esta carta põe em relevo que «*todos saibam quanto a Missão chinesa deve à Majestade Portuguesa*». Especifica, com efeito, que toda essa vasta acção evangelizadora «*se deve por inúmeras razões ao Rei de Portugal*»²⁰.

Fazendo alusão ao território de Macau, o jesuíta flamengo não tem dúvidas em explicitar que essa cidade «(foi) fundada há mais de 130 anos pelos Reis de Portugal, no reino Chinês, para a edificação da qual o imperador chinês ofereceu, outrora e gratuitamente o local aos portugueses, em virtude de valiosos serviços prestados à Província de Cantão. Com seus poderosíssimos navios e pela força das armas limpavam de ladrões os mares».

A objectividade dos dados em presença obriga-nos, pois, em obediência às razões da

exigência científica e da fidelidade histórica, a apresentar aqui alguns argumentos justificativos de tão categórica afirmação.

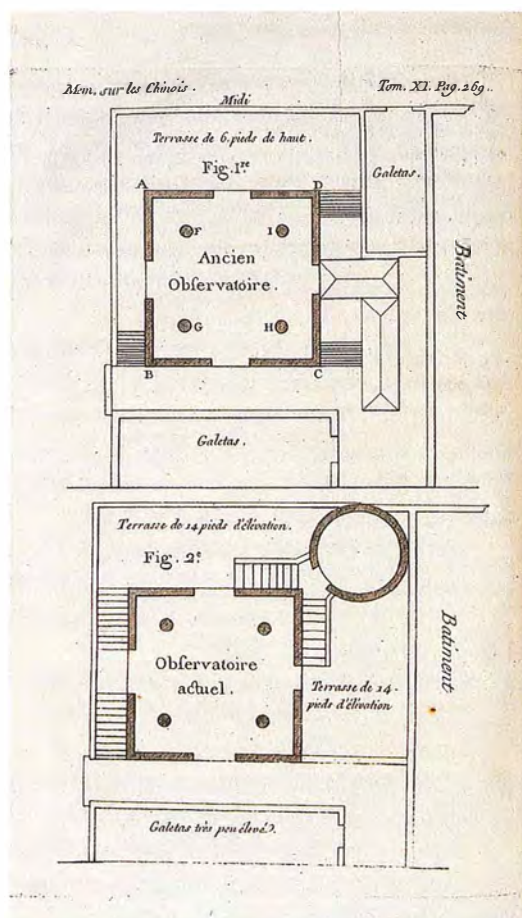
3.1. Razões (ao nível da historicidade do documento) que abonam a favor da legitimidade da presença portuguesa em Macau

Alguns intelectuais e políticos nacionais – decerto que sem grande fundamento científico – têm referido, ao longo dos últimos anos, não haver documentação comprovativa que legitime, num plano de Direito Internacional a presença dos portugueses em Macau ao longo dos séculos. Acontece, porém, que mesmo sendo Verbiest um europeu – e não uma destacada figura da China do século XVII – a sua posição, como Presidente do Tribunal das Matemáticas de Pequim, no período (1678) em que redigiu esta carta – faz com que se identifiquem nele, para além da isenção desse dado informativo e factual, um *valido* próximo do imperador Kangxi.

Num âmbito diplomático, face ao papel dirigente do missionário junto daquela Corte imperial, uma declaração tão categórica como esta tem, necessariamente, uma extensão e abrangência tanto jurídica como diplomática. Não estando tal documento – esta missiva do Presidente daquele Tribunal – *carregado* do sentido da *autoridade* jurídica que conferiria a chancela ou o selo do Imperador, é uma manifesta verdade que o mesmo não está isento (no contexto de comunicação para a Realeza) de uma indirecta caracterização jurídica.

Não se pretende aqui, obviamente, transportar o sentido de a diplomacia portuguesa do nosso tempo – nas negociações havidas com as autoridades chinesas com vista à integração de Macau na República Popular da China – tenha agido com alguma leviandade sem ir, com exigência e rigor, aos fundamentos da razão histórica e da documentação disponível. Pretendere-

Planta dupla do Observatório Astronômico de Pequim, em que se comparam as estruturas do mesmo nos séculos XVII e XVIII.
Mémoires concernant l'Histoire, les Sciences, les Arts ... des Chinois, pelos Missionários de Pequim, Paris, vol. XI, 1786. LHITIPOR.



mos afirmar, antes, que talvez não tenham sido dados por Portugal os passos suficientes no sentido da afirmação, face à R. P. da China, de uma presença portuguesa historicamente justificada *de facto*. Neste caso prevaleceu, como os dados em presença indiciam, uma *deliberada* vontade política, por parte de sucessivos Governos de Lisboa, em alienar esta parcela do solo nacional²¹.

A referida posição do Pe. Verbiest em relação à legitimidade histórica da presença portuguesa em Macau, é complementada na mesma carta por uma outra declaração, de igual modo favo-

rável ao nosso país, referente ao modo como a China nunca pretendeu hostilizar Portugal naquele seu território asiático. O jesuíta flamengo afirma, a propósito: «[face à] última perseguição de que fomos vítimas no ano de 1664 [...] [quiz] a Divina Providência que aquela cidade²², que é o alicerce de todas as igrejas chinesas, permanecesse firme como pedra inamovível... Certamente que isto a mim e a outros, peritos em questões chinesas, se assemelha a um prodígio, visto que os chineses, no passado, e os tártaros agora, (que em tudo imitam os chineses), consideram os povos estrangeiros como gente odiosa e tudo fazem pelo seguro, mas não obstante isso, a verdade é que a cidade de Macau, guardada embora de soldados Portugueses e fortemente munida de muralhas e de canhões, desde há muitos anos, como acontece na sua terra, deixaram-na intacta. De facto, se o tivessem querido, em pouco tempo e apenas pela fome, tê-la-iam destruído, proibindo todo o comércio».

Um pouco mais adiante o jesuíta flamengo alude ao embaixador Manuel de Saldanha e à acção de assinalável importância junto à Corte imperial. Refere, primeiramente, que este diplomata português se demorou por cerca de dois anos na Província de Cantão. Adianta por outro lado, que teve a incumbência de lhe servir de intérprete nas negociações ou prestação de honras junto do imperador Kangxi.

A este respeito em particular, o Pe. Ferdinand Verbiest alude às subidas honras – em termos de alojamento – com que o imperador da China beneficiou tanto o embaixador Manuel de Saldanha como a sua comitiva²³. Justifica esse facto, com o maior ênfase, pelo elevado conceito em que Kangxi tinha esses intrépidos diplomatas e navegadores que, arrostando tantos perigos, se deslocavam de tão longa distância até aquelas paragens.

O padre flamengo não oculta, também, o que sucedeu quando o imperador da China

teve conhecimento da morte do embaixador Manuel de Saldanha naquele território. Chega mesmo a afirmar que Kangxi se prostrou então com uma «singular dor de alma e de semblante e voz visivelmente perturbados».

Na parte final do documento, o jesuíta flamengo volta a aludir aos avultados dispêndios do erário régio português, na «*fundação e edificação de igrejas chinesas, juntamente com o preço do sangue de tantos milhares de Portugueses, derramado em prol da sua abertura, conservação e sustentação, durante tantos anos*».

E, como se isso não bastasse, enaltece o rei de Portugal, incitando a que os cultores de ciências como a Astronomia, a Cosmografia ou a Náutica dêem público testemunho régio desse seu reconhecimento.

4. Os benefícios da acção xilográfica na China como um serviço de difusão da cultura

No âmbito de uma avaliação da actividade civilizacional dos padres da Companhia de Jesus ao serviço do Padroado Português do Oriente em terras da China, a acção tipográfica e xilográfica nos períodos quinhentista e dos séculos XVII e XVIII – a que temos votado uma dúzia de anos ininterruptos de investigação²⁴ – constituiu, sem dúvida, uma das manifestações culturais de significativo impacto.

Seguindo um ideal de penetração cultural e evangélica delineado já pelo Pe. Matteo Ricci, S. J. (1582-1610), os missionários europeus imprimiram nesse território, na esmagadora maioria pelo processo xilográfico, algumas obras de expressão cultural portuguesa que já constituíram matéria de um nosso anterior Registo Catalográfico: dezassete no século XVI; e dezoito dessa mesma natureza, ao longo dos séculos XVII e XVIII²⁵.

4.1. O contributo do Pe. Ferdinand Verbiest no âmbito da História da xilografia euro-chinesa

O estudo das obras do Pe. Ferdinand Verbiest que foram produzidas na China pela técnica xilográfica obriga, necessariamente, ao seu inventário prévio. Para tal importa, antes do mais, estabelecer as Relações bibliográficas, ou elencos, que foram produzidos nesse território (ou fora dele) ao longo do século XVII (em que ele viveu).

O Pe. Henri Bernard, S.J., no seu catálogo «Les Adaptations chinoises d'ouvrages européens, bibliographie chronologique depuis la venue des Portugais à Canton jusqu'à la Mission Française de Pékin, 1514-1688»²⁶, publica as sete seguintes listas bibliográficas, inventariadas de A a G:

*Lista A, do Pe. Rodrigo de Figueiredo, de 1627*²⁷;

*Lista B, do Pe. Alegambe, publicada em 1643*²⁸;

*Lista C, provavelmente do Pe. Aleni (ou do Pe. Francisco Furtado), de 1642*²⁹;

*Lista D, do Pe. Martini, publicada em 1654*³⁰;

*Lista E, do Pe. Kircher, publicada em 1667*³¹;

*Lista F, uma reedição da lista B, «de que por vezes reproduz textualmente as notícias», do Pe. Southwell, publicada em 1676*³²;

*Lista G, do Pe. Couplet*³³, *publicada em 1686*³⁴.

É esta última Lista ou Catálogo G – por naturalmente ter sido realizado no período em que o Pe. Ferdinand Verbiest já tinha produzido e editado, pela técnica xilográfica, o essencial das suas obras – que vai constituir, primeiramente, o centro das nossas atenções, em relação ao autor belga de que nos ocupamos. Este catálogo poderá ter sido impresso em chinês e, algum tempo depois, em latim, comportando na sua globalidade 251 obras de vários autores-missionários.

Este elenco de trabalhos impressos, em relação ao Pe. Verbiest, interessa por dois tipos de razões. Em primeiro lugar, pelo facto de integrar 15 obras da autoria e da responsabilidade técnica desse religioso flamengo.

O Imperador Kangxi na sua biblioteca. Rolo vertical pintado em seda. Autor anónimo. Reproduzido do catálogo *A Cidade Proibida*, Lisboa, Fundação Oriente, 1992.



Existe, porém, outro aspecto de significativa importância a reter. É o facto de o próprio Pe. Verbiest ter indicado (presumivelmente a Couplet) alguns dos elementos da sua própria produção bibliográfica. Por outro lado, o missionário flamengo de Pitthem completou esta obra, apondo-lhe uma longa introdução histórica. Trata-se do *Tao-hio kia-tch'oan*, i. e., «Tradições de família sobre a doutrina»³⁵.

Este Catálogo G foi, primeiramente impresso em Pequim, em 1668 e, depois, em 1674. Essa é a razão porque essa fonte não apresenta obras impressas em Pequim pelo Pe. Verbiest após meados dessa década de setenta (do século XVII).

Tal compilação bibliográfica foi, depois, traduzida em latim pelo Pe. Couplet e publicada em Paris em 1686 (sete anos antes da sua morte no Oriente). Intitula(va)-se *Catalogus Patrum Soci-*

etatis Jesu qui, post obitum S(anc)ti Francisci Xaverii, ab anno 1581 ad annum 1681, in imperio Sinarum, Jesu Christi fidem propagarant.

Couplet juntou por seu lado também este catálogo, como apêndice, à obra do Pe. Verbiest, *Astronomia Europaea sub imperatore tartaro-sinico K'ang-hi... in lucem revocata*. Foi dada à estampa na cidade de Dilingen, em 1687.

Identificando-se aqui, através deste catálogo de Couplet, apenas as 15 referidas obras xilográficas da autoria do Pe. Verbiest, nós desviamos-nos um pouco, na apresentação das mesmas, da ordenação seguida por Couplet, que não obedece a um critério cronológico (como o que perfilhamos).

Entretanto importava dar aqui a conhecer, também – no seguimento das investigações e descobertas feitas por Henri Bernard, na China, durante a década de trinta – outras obras xilográficas do mesmo missionário flamengo seiscentista. Foi o que fizemos, a partir do levantamento do mesmo H. Bernard (indicando-se, para cada caso, a sua localização no catálogo deste último).

Perspectivam-se assim, ante os leitores, as obras sinológicas de produção xilográfica de Verbiest, na já aludida sequência cronológica, a partir do décimo ano da sua entrada no império da China. Apenas em casos minoritários está patente o facto de se tratar de uma (ou outra) obra resultado da colaboração de vários autores. [Ver quadro nas páginas seguintes]

4.2. Duas edições do Pe. Ferdinand Verbiest em análise (e objecto do respectivo Registo Catalográfico)

De todo o conjunto de 33 edições de carácter xilográfico, que aqui deixamos para análise do leitor, vamos isolar apenas duas delas, uma em língua chinesa e outra em língua latina. A selecção em causa – óbvia e necessariamente sempre de carácter subjectivo – tem por pressu-

1669

(1) COMPENDIUM OBSERVATIONUM

Catº. Couplet (nº. 235), Verbiest I: *Compendium observationum coelestium*;

Catº. Henri Bernard (nº. 419): *Tch'ê-yen ki-lío*, resumo de observações do céu (para demonstrar os erros dos astrónomos muçulmanos).

Xilografia. Pequim (um curto resumo, em latim, no final da obra *Astronomia Europaea*), 1669³⁶.

(2) YU-LAN SI-FANG

Catº. Henri Bernard (nº. 426): Yu-lan si-fang yao-ki, Memória sobre o Ocidente apresentada ao Imperador (da China), da autoria dos Pes. Buglio, Verbiest e Magalhães.

Xilografia. Pequim, 1669³⁷.

(3) APOLOGIA CONTRA CALUMNIAS

Catº. Couplet (nº. 234), Verbiest II: *Apologia contra calumnias in astronomiam europaeam*;

Catº. Henri Bernard (nº. 428): Li-fa pou-té-i-pien, *Apologia da astronomia (europeia contra Yang Koang-sien)*.

Xilografia. Pequim, 1669³⁸.

(4) (CONTRA) YANG KOANG-SIEN

Catº. Henri Bernard (nº. 429): Discussões contra os advinhos e contra Yang Koang-sien.

– 1. *Wang tch'oi ki hiongpien*. – 2. *Wang tchan pien*.

Xilografia. Pequim, 1669³⁹.

(5) TIPOS DE ECLIPSE

Catº. Henri Bernard (nº. 430): Tipos de eclipse.

Xilografia. Pequim, 1669⁴⁰.

1670

(6) SÚPLICAS AO IMPERADOR

Catº. Henri Bernard (nº. 433): Súplicas ao Imperador, de missionários como os Pes. Buglio, Verbiest, Magalhães, entre outras a de 21-VI-1669.

Xilografia. Pequim, 1670⁴¹.

(7) DE REMUNERATIONE

Catº. Couplet (nº. 230), Verbiest III: *De remuneratione boni et mali quaesita et responsa*;

Catº. Henri Bernard (nº. 437): *Chan-ngo-pao lío-chouo*, Pequeno tratado sobre a retribuição do bem e do mal.

Xilografia. Pequim, 1670⁴².

(8) ORDO PROPONENDI

Catº. Couplet (nº. 228), Verbiest IV: *Ordo proponendi mysteria fidei*;

Catº. Henri Bernard (nº. 438): Kiao-yao siu-lueu, Exposição metódica do essencial da fé.

Xilografia. Pequim, 1670⁴³.

(9) PREVISÕES SOBRE OS PLANETAS

Catº. Henri Bernard (nº. 439): *Previsões sobre os planetas*.

Xilografia. Pequim, 1670⁴⁴.

(10) EFEMÉRIDES CHINESAS

Catº. Henri Bernard (nº. 440): *Efemérides chinesas*.

Xilografia. Pequim, 1670⁴⁵.

1671

(11) DE USU THERMOMETRIAE

Catº. Couplet (nº. 237), Verbiest V: *De usu thermometriae*; Catº. Henri Bernard (nº. 447): *Y'en-k'i chouo*, Explicação do termómetro.

Xilografia. Pequim, 1671⁴⁶.

1672

(12) EXPLICATIO MAPPAE

Catº. Couplet (nº. 241), Verbiest VI: *Explicatio Mappae Cosmographicae majoris delineatae ex mandato Imperatoris*, 2 vols.;

Catº. Henri Bernard (nº. 454): K'oen-yu t'ou-chouo, Explicação do mapa-mundo terrestre.

Xilografia. Pequim, 1672⁴⁷.

(13) MAPPA STELLARUM

Catº. Couplet (nº. 239), Verbiest VII: *Mappa stellarum in parte boreali et meridionali aequatoris*;

Catº. Henri Bernard (nº. 455): *Tch'e-tao nan-pé sing-r'ou*, Carta das estrelas ao norte e ao sul do equador.

Xilografia. Pequim, 1672⁴⁸.

c. 1673 e 1673

(14) TRIPPLICIS GENERIS MAPPAE

Catº. Couplet (nº. 240), Verbiest VIII: *Item triplicis generis Mappae stellarum*;

Catº. Henri Bernard (nº. 457): *Ki-ho yuen-pen*, Princípios de geometria.

Xilografia. Pequim, c. 1673⁴⁹.

(15) RESPONSA AD DUBIA

Catº. Couplet (nº. 227), Verbiest IX: *Responsa ad dubia de Eucharistia*;

Catº. Henri Bernard (nº. 458): Cheng-t'i ta'I, Resposta a questões sobre a Santa Eucaristia.

Xilografia. Pequim, 1673⁵⁰.

(16) DE S. POENITENTIA

Catº. Couplet (nº. 229), Verbiest X: *De S. Poenitentiae sacramento*;

Catº. Henri Bernard (nº. 459): *Kao-kiai yuen-I*, Do Sacramento da penitência.

Xilografia. Pequim, 1673⁵¹.

1674

(17) MAPPA TOTIUS MUNDI

Catº. Couplet (nº. 238), Verbiest XI: *Mappa totius mundi terrestris in bina magna hemisphaeria, quarum diameter 5 pedum, divisa*;

Catº. Henri Bernard (nº. 465): K'oen-yu ts'iuen-t'ou, Carta geral do mundo (grande edição).

Xilografia. Pequim, 1674⁵².

(18) DE THEORIA... FABRICA INSTRUMENTORUM

Catº. Couplet (nº. 231), Verbiest XII: *De theoria, usu et fabrica instrumentorum astronomicorum et mechanicorum*, 14 vols.;

Catº. Henri Bernard (nº. 467): *(Sin tche ling t'ai) I siang tche*, Descrição dos instrumentos novamente construídos no Observatório imperial.
Xilografia. Pequim, 1674⁵³.

- (19) EORUM INSTRUMENTORUM IMAGINES
Catº. Couplet (nº. 232), Verbiest XIII: *Eorum instrumentorum imagines*, 2 vols.;
Catº. Henri Bernard (nº. 468): *I siang t'ou*, Desenhos representando os instrumentos (do Observatório imperial).
Xilografia. Pequim, 1674⁵⁴.

1675

- (20) T'ien-Tchou-Kiao
Catº. Henri Bernard (nº. 476): *T'ien-tchou-kiao sang-li wen ta*, Catecismo para os ritos funerários.
Xilografia. Pequim, 1675⁵⁵.

1676

- (21) K'oen-Yu Ko-Tche
Catº. Henri Bernard (nº. 484): *K'oen-yu ko-tche liouchouo*, Tratado abreviado de cosmografia, geografia e ciências naturais.
Xilografia. Pequim, 1676⁵⁶.

1677

- (22) NGAN SIEN-CHENG
Catº. Henri Bernard (nº. 487): *Ngan sien-cheng hing-chow*, Elogio fúnebre do Pe. Gabriel de Magalhães (morto em 7 de Maio), pelos Pes. Buglio e Verbiest.
Xilografia. Pequim, 1677⁵⁷.
(23) ASTRONOMIA PERPETUA
Catº. Couplet (nº. 233), Verbiest XIV: *Astronomia perpetua Imperatoris Kangchy*, 32 vols.;
Catº. Henri Bernard (nº. 492): *K'ang-hi yong-nien piao*, Tábuas perpétuas do Imperador K'ang-hi.
Xilografia⁵⁸. Pequim, 1677⁵⁹.
(24) LIBELLI SUPPLICES
Catº. Couplet (nº. 236), Verbiest XV: *Libelli supplices in favorem astronomiae restitutae*, 3 vols.;
Catº. Henri Bernard (nº. 493): *Hi-tch'ao ting-nan*, Memórias apresentadas ao Imperador (a favor do restabelecimento da Astronomia europeia).
Xilografia. Pequim, 1677⁶⁰.

OBRAS POSTERIORES DO PE. FERDINAND VERBIEST (após o terminus do Catº. de Couplet):

- (25) KIAO-YAO SIU-LUEN
Catº. Henri Bernard (nº. 494): *Kiao-Yao siu-luen*,

Maneira de propor os mistérios da fé.
Xilografia. Pequim, 1677⁶¹.

1678

- (26) EPISTOLA... AD SOCIOS MISSA
Catº. Henri Bernard (nº. 495): *Epistola... ad socios missa*, Carta de 15 de Agosto (*vide* secção Cartas) enviada aos padres da Companhia de Jesus na Europa.
Xilografia. Pequim, 1678⁶².

1681

- (27) TÁBUAS DE LOGARITMOS
Catº. Henri Bernard (nº. 518): *Tábuas de logarithmos* (de c. de 1681), para uso do imperador Kangxi.
Xilografia. Pequim, 1678⁶³.

1683

- (28) MIN-LI POU-TCHOU
Catº. Henri Bernard (nº. 532): *Min-li pou-tchou kiai-houo*, Comentário acrescentado ao calendário popular para responder às dificuldades práticas, pelos Pes. Schall e Verbiest.
Xilografia. Pequim, 1683⁶⁴.
(29) KIEN P'ING KOEI TSONG
Catº. Henri Bernard (nº. 534): *Kien ping koei tsong sing t'ou*, Carta abreviada de todas as estrelas =? Carta das constelações celestes.
Xilografia. Pequim, 1683⁶⁵.

1684

- (30) HI-TOU-CHE YUEN-YEOU
Catº. Henri Bernard (nº. 538): *Hi-tou-che yuen-yeou yong-fa*, Origem e emprego da pedra que atrai o veneno.
Xilografia. Pequim, 1684⁶⁶.

1685

- (31) YEN-K'I CHOUO
Catº. Henri Bernard (nº. 540): *Yen-k'i chouo*, Explicação do termómetro (reedição da obra já referenciada neste mesmo catálogo que aqui seguimos, sob o nº. 447; vide, atrás, nº. 11).
Xilografia. Pequim, 1685⁶⁷.

1686

- (32) TAO-HIO KIA-TCH'UAN
Catº. Henri Bernard (nº. 541): *Tao-hio kia-tch'uan*, Tradições familiares sobre a doutrina.
Xilografia? Pequim, 1686⁶⁸.
(33) K'ANG-HI YONG-NIEN LI-FA
Catº. Henri Bernard (nº. 542): *K'ang-hi yong-nien li-fa*, Astronomia perpétua do imperador Kangshi, pelos Pes. Verbiest e Grimaldi (este último nomeado em 1685 para o Tribunal de Astronomia).
Obra presumivelmente terminada em 1678.
Xilografia. Pequim, 1686⁶⁹.

posto tratem-se de duas obras que mereceram, nesse período da sua produção, uma circunstancial atenção por parte dos padres da Companhia de Jesus que nesse período se encontravam no Colégio da Madre de Deus em Macau.

4.2.1. Uma edição em língua chinesa, de 1674, o *Liber Organicus*, sobre os instrumentos do Observatório Astronómico de Pequim

Principiamos por nos deter sobre uma edição cujo título não é consensual por parte de diversos analistas que procuraram estudar o seu conteúdo. O Pe. Couplet, na Lista G, referencia-a como *Eorum instrumentorum imagines*; o Pe. Henri Bernard, por seu lado, no elenco «Les Adaptations chinoises...» que temos vindo a seguir, referencia a mesma sob a designação chinesa *I siang t'ou*, que traduz por «Desenhos que representam os instrumentos (astronómicos de Pequim)»⁷⁰.

Nós próprios na dissertação produzida em 1990⁷¹, apresentámos essa obra, na secção Registo Catalográfico, II-06, sob a referência *Liber Organicus. – Para um Novo Esferograma [Instrumentos do Observatorio Astronómico]*⁷².

É hoje vulgarmente aceite que esta obra foi produzida xilograficamente em Pequim, em 1674, sob a responsabilidade do Pe. Ferdinand Verbiest, que desde começos de Abril de 1669 assumia as funções de Presidente do Tribunal das Matemáticas e responsável pelo Observatório Astronómico de Pequim – cuja reconstrução dirigia desde 1672 – cargo em que se manteve até à sua substituição pelo Pe. Grimaldi⁷³.

A maioria dos autores que se dedicam à acção cultural e xilográfica dos padres Jesuítas na capital daquele império são unânimes em atribuir esta obra ao Padre Ferdinand Verbiest. Um deles, Le Comte, editou em Paris, em 1696, uma histórica gravura representando aquele Observatório Astronómico. Nela se vêem repre-



O Imperador Kangxi à mesa de escrever. Rolo vertical pintado em seda. Autor anónimo. Reproduzido do catálogo *A Cidade Proibida*, Lisboa, Fundação Oriente, 1992.

sentados os principais instrumentos de observação astral criados por Verbiest e apresentados em pormenor nesta edição xilográfica de 1674 de que aqui tratamos.

Em *Para um Novo Esferograma [Instrumentos do Observatório Astronómico]*, assumem particular significado as representações gráficas que o Padre Verbiest⁷⁴ fez imprimir dos principais instrumentos por si criados para aquele centro de observação. É o caso, entre outros, da esfera equinocial, do globo celeste, da esfera zodiacal, do horizonte azimutal, do quadrante e do sextante⁷⁵.

Estas pesquisas astronómicas dos padres da Companhia de Jesus em Pequim beneficiaram, efectivamente, neste terceiro quartel do século XVII, de um grande impulso por parte do Padre Verbiest, que desempenhava as funções de vice-Provincial da Companhia.

O afinco ao estudo que se vê patenteado nesta obra sobre Astronomia, em língua chinesa, do Pe. Ferdinand Verbiest é o mesmo com que, por sinal, se encontra bem visível em outros trabalhos de pesquisa, no mesmo domínio (e em igual período), em outros centros de investigação astronómica do mundo. Bastaria frisar, de entre eles, o de Jaipur, na Índia – fundado em 1728 (portanto apenas cerca de cinco décadas depois) nessa cidade do império moghol⁷⁶, ou o de Paris, de 1667, ligeiramente anterior ao de Pequim, e que teve como primeiro director o investigador de temas astronómicos Jean-Dominique Cassini [1623-1712]⁷⁷.

Esta obra xilográfica, sendo embora em dois volumes na sua versão primitiva, era constituída de gravuras soltas.

Na sequência dos contactos institucionais da Companhia de Jesus entre Pequim e Macau nesse período, uma colecção de tais gravuras (a par de outros conjuntos) chegou aos padres estabelecidos no território macaense. É bem provável que a colecção da obra hoje existente no

Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa⁷⁸, tenha tido essa proveniência.

4.2.2. Uma edição em língua latina, de 1678, a *Epistola ad Socios Missa*

A segunda obra xilográfica do Pe. Verbiest que seleccionamos – e que, de igual modo, se encontra também associada indirectamente como aquela, à Companhia de Jesus em Macau nesse último quartel do século XVII – é a intitulada *Epistola... ad Socios Missa*, Pequim, 1678⁷⁹.

Sendo Verbiest um cidadão flamengo – e em estreita relação intelectual (também) com a Corte da França – evidencia-se, neste período da sua vida, uma notória *aposta* no sentido de que os padres jesuítas franceses e outros se venham implantar na grande China. Esta questão acarreta, obviamente, sérios problemas ao Padroado Português do Oriente, dado que Portugal era então na China a principal potência ao nível do foro administrativo eclesiástico.

Na sequência da vasta epistolografia que o Pe. Verbiest dirige então para religiosos e instituições jesuíticas de países como a França e a Flandres, Portugal confronta-se com os perigos de uma eventual perda de influência na China.

Algumas Cortes da Europa, como a de Versailles, dispuseram-se, assim, a colaborar com o plano de missão (também) francesa que, a partir de então, se pretendia passasse a ser uma (outra) realidade.

Em 1678 aquele religioso flamengo dirigia, assim – com conhecimento (ou autorização) do imperador chinês Kangxi – aos religiosos (jesuítas) do ocidente europeu, mais particularmente da França, a sua mensagem de chamamento de jesuítas. Materializava-se este chamamento através desta sua nova *Epistola*, impressa por via xilográfica em Pequim.

Nesta sua carta, de 15 de Agosto de 1678 – presumivelmente a primeira de sua autoria, que

mereceu ser impressa (tal a importância ideológica do seu conteúdo) –, o padre flamengo lançara um veemente apelo no sentido de que fossem enviados para a China, com urgência, o maior número possível de missionários, em particular astrónomos e matemáticos. O rei de França Luís XIV, em resposta a tal pedido – sob iniciativa de Colbert – decidiu encarregar o director do Observatório Astronómico de Paris de «preparar um *plano para a China*». Segundo Louis Frédéric, este «foi o primeiro projecto cultural e científico [de cooperação da França] com um país estrangeiro»⁸⁰.

Tal como atrás referimos as bases de cooperação de Portugal com a Santa Sé, ao nível do Direito de Padroado entravam assim em litígio com os interesses da França nesta matéria em relação a esta região. Como refere ainda L. Frédéric, para obstar a que pudessem advir graves incidentes de natureza diplomática entre a França, a Santa Sé e Portugal, o rei Luís XIV «decidiu enviar [à China] uma missão científica, se bem que composta por missionários, encarregando o Pe. De la Chaise de se entender, nesse sentido, não com Roma, mas com o Geral dos Jesuítas»⁸¹.

Foi aceite, deste modo – embora com sérias reservas –, que o Pe. De la Chaise se deslocasse à China. Para que não se registassem quaisquer dúvidas sobre a sua missão, nitidamente *aparente*, Colbert outorgou-lhes, por decreto de 28 de Janeiro de 1683, o título de «matemáticos do Rei»⁸², tornando-os académicos. Esta forma – muito bem arquitectada (a um nível diplomático) – impedia assim que os portugueses pudessem levantar quaisquer obstáculos à missão daqueles estrangeiros que tinha, no seu lado exterior e visível, apenas uma componente científica.

Todos os elementos de tal *missão científica* partiram, acompanhados de outros religiosos e cientistas, do porto de La Rochelle, em França,

em 3 de Março de 1685. Dela faziam parte, além do Pe. De la Chaise, Jean de Fontaney, Joachim Bouvet, Louis le Comte⁸³, Jean-François Gerbillon, Claude Visdelou⁸⁴ e Tachard, dos quais apenas o último não chegaria à China permanecendo no Sião.

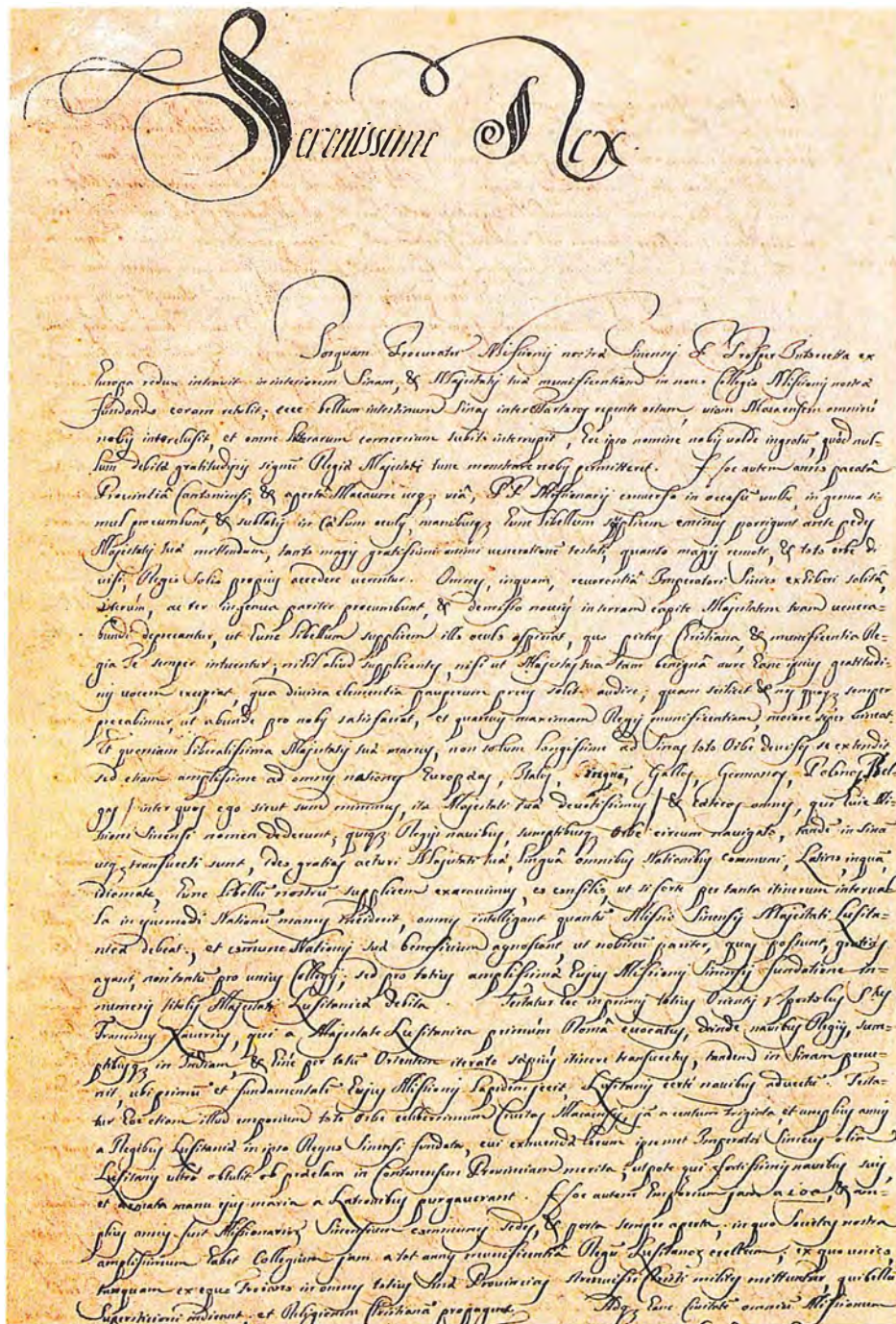
Importa sublinhar, ainda no âmbito dos resultados dessa missão dita *científica*, que ela veio a ter também alguns reflexos no âmbito da História da Imprensa. Com efeito, ao ser dada à estampa na China – em 1701-1702 (mais de uma dúzia de anos após a morte de Verbiest) – a obra *Brevis Relatio Eorum...*, nela surgem, no seu último fólio, e ainda como resultado de uma impressão xilográfica, as assinaturas [em *fac-simile*(?)] de alguns dos mais destacados religiosos dessa missão francesa⁸⁵.

Existe portanto um hiato de cerca de treze anos, como atrás se pode observar, entre a edição do *Liber Organicus – Para um Novo Esferograma* e a chegada a Pequim em 1687 dos seis religiosos da Companhia de Jesus, provenientes de França e trazendo a recomendação de serem *matemáticos e astrónomos do Rei*.

Esta vinda daqueles missionários franceses terá permitido um reforço das ligações científicas entre Paris e a capital da China. Nesse sentido, estamos em crer que a elevada competência, designadamente no domínio da Astronomia, dos Jesuítas cientistas portugueses que já se encontravam nessa cidade, não saiu em nada diminuída. É, até, muito provável, que os próprios franceses chegassem a beneficiar dos ensinamentos de alguns dos astrónomos portugueses que aí estavam em missão.

Não deixa de ser verdade – e voltando ao período de 1678 em que o Pe. Verbiest apelou para a vinda de missionários franceses através da *Epistola ad Socios missa* – que nesse período o missionário flamengo, já dotado de uma assinalável obra científica de natureza xilográfica⁸⁶, se encontrava muito mais perto, ideologica-

Fólio 1º do manuscrito original da carta do Pe. Ferdinand Verbiest ao rei de Portugal, D. Pedro II. Colecção particular de Reiner Daehnhardt, Lisboa.



mente, quer do rei de Portugal quer dos superiores do colégio jesuítico de Macau.

Não restam dúvidas que esta reprodução xilográfica da *Epistola ad Socios missa*, de 15 de Agosto 1678, foi recebida pelos padres da Companhia de Jesus em Macau (de uma forma directa ou indirecta, dado o seu sentido de alguma conflitualidade para com os portugueses) nesse mesmo período ou pouco depois.

É bem provável que as duas semanas que distam entre a data dessa carta e a da epístola que Verbiest fez seguir para o rei de Portugal (1 de Setembro do mesmo ano) seja uma tentativa quase diplomática, não dissimulada, de atenuar os efeitos que a anterior missiva provocara, nomeadamente entre os jesuítas naquele território do sul da China. Procurava Verbiest redimir-se – numa actuação de frente dupla e não destituída de alguma ambiguidade neste sentido – dessa sua forma de fazer política, ao serviço dos Evangelhos?

Estamos em crer, em relação a esta carta de Verbiest de inícios de Setembro para o rei de Portugal, que poderá haver uma relação de causa-efeito entre a postura de desagrado por parte da missão portuguesa em Macau e na China e as duas presumíveis edições, uma na França e outra na Flandres – portanto num universo de língua francesa –, pouco depois, dessa mesma missiva favorável aos interesses portugueses.

Em 1682 esta epístola, com efeito, foi objecto de edição em Paris, segundo indicações de L. Pfister⁸⁷. Essa carta de Verbiest dirigida a D. Pedro II foi também publicada, por seu lado, em Antuérpia, em 1686, em letra de forma.

O Pe. Francisco Rodrigues, relacionando alguns destes factos em presença, é de opinião – e nós perfilhamos da mesma – que essa carta foi «espalhada por toda a Europa com intenção de impedir ou apaziguar o justo ressentimento da Corte de Portugal pela entrada dos missionários franceses na China sem dependerem do Padro-

A forma como os missionários-cientistas franceses entraram na China, poderá ainda ser objecto de reflexão neste âmbito. Como para entrarem pelo porto de Macau (como aliás era mais usual até aí) tinham de pedir permissão às autoridades portuguesas, acabaram por entrar na China pelo porto de Nimpó. A partir daqui os dados estavam lançados: haviam duas forças missionárias europeias, de tendências ideológicas não coincidentes, em terras da China.

Entre os últimos trabalhos votados ao Pe. Ferdinand Verbiest⁹⁰ merecem-nos particular referência alguns do Pe. John W. Witek, S. J.⁹¹. Os projectos de pesquisa recentemente terminados, bem como alguns outros em curso, sobre este missionário flamengo permitem-nos, hoje, manter em aberto diversas interrogações acerca da sua actividade, tanto na esfera da sua actividade científica como na de diplomata no grande império da China no período de seiscentos.

Uma das questões em aberto foi o das motivações e do modo prático como realizou, provavelmente em 1679 (?), o trabalho xilográfico com notas em latim e francês existente na East Asian Library (em 1989 sob a direcção Eugene Carvalho), da Universidade de Kansas, na cidade de Lawrence, EUA, subordinada ao *título Mongolian Solar Ephemeris for 1680, by Ferdinand Verbiest* (sic)⁹².

Outras perspectivas se poderão abrir a este tipo de investigações sobre o missionário flamengo e a(s) sua(s) obra(s) impressa(s) quando se estabelecer uma maior aproximação entre sinólogos que, um pouco por todo o mundo ocidental, trabalham(os) sobre este tema. É evidente que depois da edição do Pe. John W. Witek,

*clafitibus per uicifima amica. Vobis commendare & fande claustra finiffi Linguij eflingere, ac tot e-
jus Procentus linguli, & anij extundij aperire. Perfeto itaq; claufura. Cuffidat Pulfriz Regum
fuis piri mureti fundantur fua ifta, Pabanon ac Fati agglutit, quae de fande nomine Clafit finiffi et Ali.
fuo neceffo agglutit. Scuitamq; deniq; Vithocioniam nechan, (emagip plim) Nankraan Seruuy
corum exultet, ut uide euenit. Magistatib; tua dignas gratias ager poterimus. Alenomia gaudere Regia
noua hinfio lery ultra aquatorem protracta. dumquaturd lugosa Vultaden polum vigilanti oculis
perfulent, plurimum, pulcherrimeq; stellae globis fuis obfusio additis et nunc Cybele noui illystelligi ornata
uerat in compiti. Magistatib; tua formosior, atq; magis gratissima animis Vltura tua de immota calaneus
intelligit. (emagip glia quaz. Regii manubij in dentium munda tranfuerta, nunc tenuiffima linaz Seruiz
vereta laty, & tota corgari Indicy spirany eduxit ad Magistatem tuam redit unum gratissima, &
nunc mutatis querere Pranoz fustidia (argua prima aperuit) magisq; uirij colorib; exornat, ante he-
culy Magistatib; tua expliat. Sed in primis Nauira, tanquam fortissimum Virago, qua Europae figny
quasi uirij angulas indignate, eas reprobata prima abrupit, & flunib; Pranoz Regi aufpex, colu-
minay fferuichy longi praeteruultu omnib; retia fecit igniti sentavit mare ac multa tandem elasti
barbaray Indicy fluctib; infestante, perqua tota circumtrauagant Orbem nunc quasi huringfany re-
dit ad Magistatem tuam, & diuiffi fuplex antennis, atq; menueula anchora ingenua protuber, et im-
miffy feraz, orationy faelus, ac goby gene innuentiy, quoz Phrya nauy aperturunt, in mag-
ny fuy exalte delinuat. Magistatib; tua contingendy offit. Noctay. Cimentiffim Mexu
Viginiay illas uictorum, & conuictum earum mariny leg fabilly rectoy Alenomia, tanquam fufte
lum fupplicy Magistatib; tua porrigunt, illoy schiel imitab, qui multo ore aliana obitu, cum felanda
uertitur, per acutand euidantib; minum fabilly noxam fua atagnaty porrigunt, quib; quantum
debat restitutur. Pranoz intem Vianam (femention) ut Magistatem tuam du nob; incho-
rum ferat, & den quantunq; inuagand regary Liberalitatib; erarier fanger uirat. Quamobrem
Phugulla de Probana, prater celum Miffos farrificia, centum nullis Refaurand pro Magis-
tatib; tua fupplicy manu ad aray offit. Datum i Septembrij 1678.*

de 1988, outras espécies (*impressas*) daquele autor foram entretanto descobertas.

Mais interessantes serão, porém, para os investigadores portugueses as pesquisas que se venham a desenvolver sobre a relação do Pe. Verbiest com o rei D. Pedro II e a aristocracia da sua Corte, ou eventualmente com outros nobres do Reino, tanto estabelecidos em Portugal como no estrangeiro.

Em relação à articulação de interesses missionários e diplomáticos entre D. Pedro II e Verbiest e vice-versa importa hoje ir um pouco além da carta de 1 de Setembro de 1678 que aqui publicamos. Haverá que complementar essas pesquisas com o estudo dos textos (primeiramente identificados, em 1930, por J. H. Kramers) das cartas de D. Pedro II a Verbiest, de 22 de Março de 1684 e de 25 de Março de 1688 (esta última, como referimos atrás, escrita poucos meses depois da morte do missionário).

A assinalar, de igual modo – embora o inventário dos códices da col^o. *Jesuitas na Ásia* (BA) não ofereça pistas a tal respeito – a troca epistolar verificada, pelo menos entre 1685 e 1686, entre Verbiest e a Duquesa de Aveiro. Neste âmbito ainda não esgotámos as investigações sobre este tema (dado que conhecemos apenas a vertente epistolográfica de Pequim para Portugal e não conheçamos em profundidade o teor das cartas enviadas por aquela aristocrata para a missão da China). Poder-se-á afirmar, em síntese, que D. Maria de Guadalupe Lencastre e Cardenas, VI Duquesa de Aveiro (1630-1715), era uma mulher piedosa que, nas expressão de Diogo Barbosa Machado «*dispendia grande cópia de dinheiro para sustentação dos missionários da Serra Leoa, China e Japão, desejando que toda a idolatria abjurando a sua cegueira adorassem ao Redentor Crucificado*»⁹³.

As relações epistolares do Pe. Verbiest com D. Maria Guadalupe Lencastre e Cardenas não terão sido ditadas apenas por razões de natureza económica, na sequência dos apoios materiais

concedidos pela portuguesa à missão da China. Estamos em crer que ele admiraria o lado intelectual⁹⁴ – e a consequente produção literária e artística (e até a sua coragem) – daquela mulher que, tendo casado em Espanha com D. Manuel Ponce de Leon, VI Duque de Los Arcos, optou por se divorciar deste voltando para a sua pátria.

Constitui assim um aliciente projecto o estudo das cartas de Verbiest à duquesa de Aveiro – também elas identificadas em 1930 por J. H. Kramers – que datam de 10 de Novembro de 1685 e de 1 de Novembro de 1686. De assinalar que provavelmente nesse mesmo período esta aristocrata portuguesa continuava ainda a dar evasão aos seus reconhecidos dotes artísticos e literários. Na primeira dessas vertentes continua a atribuir-se-lhe, por exemplo, um quadro de Nossa Senhora da Piedade, do Convento da Conceição de Marvila (Lisboa), bem como dois retratos do Pe. D. Alberto Maria Ambineri, como disso deu testemunho Jorge Cardoso. Em relação aos seus dotes literários não podemos deixar de tomar em consideração o testemunho, minimamente fiável, de Diogo Barbosa Machado, seu contemporâneo (1682-1772), quando regista que essa crente – que se encontra sepultada no Mosteiro de Nossa Senhora de Guadalupe, em Castela – escreveu uma obra sob o título *Exercício devoto*⁹⁵.

Pode afirmar-se, finalmente, que a própria epistolografia de Verbiest com outros missionários do seu tempo em terras da China, como por exemplo com o Pe. Gabriel de Magalhães, poderão oferecer aliciantes pistas aos investigadores. O retrato sumário, mas pretensamente objectivo, que aqui deixamos aos leitores é, no essencial, o de um missionário – sepultado no cemitério de Chala, em Pequim – que em vários passos da sua vida defendeu os interesses da Coroa portuguesa em Macau, mesmo apesar de noutras circunstâncias ter manifestado sintomas de ambiguidade na sua conduta (não evangélica mas) diplomática e política.

- ¹ Pe. Louis Pfister, S. J. «n.º 124, P. Ferdinand Verbiest», in *Notices biographiques et bibliographiques sur l'ancienne mission de Chine, 1552-1773*, (2 tomos), T. I, XVI-XVII, Xangai, Imprensa da Missão Católica, 1932, pp. 338-362, em particular p. 339.
- ² Nesse período o Estado da Índia era presidido pelo «3.º. Conselho do Governo», integrando Manuel Mascarenhas Homem, Francisco de Melo e Castro e António de Sousa Coutinho que (desde 1656) tornou extensiva a sua acção até 1661. Vide José F. Ferreira Martins, *Os Vice-Reis da Índia. 1505-1917*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1935, pp. 145-148; e *Tratado de todos os Vice-Reis e Governadores da Índia*, Lisboa, 1962, p. 155.
- ³ De assinalar que poucos meses antes, mais precisamente em 18 de Julho de 1658, tinha falecido em Cantão o jesuíta Pe. Álvaro Semedo e, pouco depois, em 9 de Setembro do mesmo ano, a diocese de Macau foi, de algum modo, objecto de desmembramento. Então o Papa Alexandre VII, pelo Breve *Super Cathedram*, separou a diocese de Tonquim da jurisdição de Macau, sendo aquela confiada ao Bispo Pallu, M.E.P. – Vide Beatriz Basto da Silva, *Cronologia da História de Macau*, vol. I, *Séculos XVI-XVII*, Macau, Direcção dos Serviços de Educação, 1992, p. 164.
- ⁴ Bosmans, *Ferdinand Verbiest. Les écrits chinois de Verbiest*, s/d.
- ⁵ Du Halde, *Description géographique, historique, chronologique, politique et physique de l'empire de la Chine et de la Tartarie chinoise...*, (4 tomos), t. III, Paris, 1735, p. 86.
- ⁶ Beatriz Basto da Silva, *op. cit.*, p. 128.
- ⁷ Este religioso, que havia nascido em Viana do Alentejo em 1596, desempenhara as funções de Reitor do Colégio da Companhia de Jesus em Macau entre 1632 e 1636.
- ⁸ No que respeita à intervenção de religiosos de outras Ordens neste mesmo período em Macau, importa destacar que nesse mesmo ano de 1659 Frei Francisco Manrique fundou aí o Convento de Santo Agostinho.
- ⁹ Pe. Louis Pfister, S. J., «n.º. 49, P. J.-Adam Schall von Bell», in *op. cit.*, t. I, pp. 162-182.
- ¹⁰ No estudo de L. Pfister (atrás referenciado na n. 1) o leitor encontra uma parte substancial dos elementos disponíveis sobre a acção missionária do Pe. Verbiest naquele período.
- ¹¹ Joseph Dehergne, S. J., «n.º. 883, Ferdinand Verbiest», in *Répertoire des Jésuites de Chine de 1552 à 1800*, Institutum Historicum S.I./Létouzey & Ané, Roma-Paris, 1973, pp. 288-290, em particular p. 289. Importa assinalar que tais perseguições decorreram no período vulgarmente designado dos Quatro Regentes, em particular no ano de 1662. Tal situação tão periclitante para os evangelizadores obrigou-os, em grande parte, a ir procurar refúgio na cidade de Cantão. Tais acontecimentos verificaram-se cerca de oito anos após o nascimento do (futuro) imperador da China, Kangxi, o que ocorreu em Maio de 1654. Sobre esta matéria remetemos para o nosso trabalho *A Tipografia de Expressão Cultural Portuguesa no Oriente nos séculos XVII e XVIII (Índia, China e Japão)*, Tese de Mestrado, E.C.S.H./UNL, 1990, 2 tomos versão policopiada, em particular t. I, «As dioceses de Pequim e Nanquim», pp. 30-32. Sobre a acção político-cultural do imperador Kangxi remetemos para Louis Frédéric, *Kangxi, Grand Khân de Chine et Fils du Ciel*, Paris, Ed. Arthaud, 1985.
- ¹² O cronista português Pe. Francisco Pimentel (*vide*, adiante, n. 15) refere-se a este facto com alguma precisão: «[...] deu o Imperador ao P. Fernando Verbiest a mesma dignidade que foi do Pe. João Adão [Schall, falecido em 1666] e o fez Presidente do Tribunal da Matemática com novo favor, porque só preside sem adjunto contra o costume deste, e de todos os mais Tribunais aonde sempre presidem dois, um china, e outro tártaro: diante de nós lhe deram os Mandarins os parabéns da nova promoção: não o podem negar os nossos, descontentes, ainda que muito o desejem. Porém o Pe. aceitou desta dignidade somente o cuidado e trabalho, mas não o título, nem o estado de tão grande Mandarim, porque entenderam os padres que assim convinha ao maior bem da cristandade, e serviços de Deus» (p. 22).
- ¹³ Joseph Needham (e Wang Ling), *Science and Civilisation in China*, Cambridge (década de 50, prolongada fase de publicação), t. III, pp. 380-451 e sgts.
- ¹⁴ Num período de alguma instabilidade governativa no Reino de Portugal, importa assinalar que (o futuro) D. Pedro II «impõe ao irmão [D. Afonso VI] a abdicação, começando a exercer o governo efectivo como regente, qualidade em que convocou Cortes, que iniciaram as sessões a 27 de Janeiro de 1668, aí sendo... jurado herdeiro do trono». Vide António Álvaro Dória, «D. Pedro II (1648-1706)» in *Dicionário de História de Portugal* (6 vols.), vol. V, nova ed., Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1979, pp. 33-34.
- ¹⁵ *Breve Relação da jornada que fez a Corte de Pekim o Senhor Manoel de Saldanha, Embaixador extraordinario del Rey de Portugal ao Emperador da China, e Tartaria (1667-1670), escrita pelo Padre Francisco Pimentel e documentos contemporaneos*, compilados e anotados por C. R. Boxer e J. M. Braga, Imprensa Nacional de Macau, 1942. – Vide, ainda, Eduardo Brasão, *A política europeia no Extremo Oriente*, Porto, 1938; idem, *Apontamentos para a história das relações diplomáticas de Portugal com a China (1516-1753)*, Lisboa, 1949.
- ¹⁶ O cronista jesuíta Francisco Pimentel regista que o imperador da China «mandou que fosse intérprete o Padre Fernando Verbiest [aliás Verbiest] e assistiu também o Pe. Buglio. Depois de lhe falar, mandou repartir ao Senhor Embaixador dez peças de seda, aos três oficiais seis, aos outros quatro: todos eram damascos, veludos ou cetins e algumas de fundo de ouro...» (p. 20).
- ¹⁷ O espaço portuário macaense tinha sido considerado fechado em consequência da nefasta actuação de um pirata Coxinga, que em 1561 havia (segundo Jacques Gernet) expulso os holandeses da Formosa e, oito anos depois, atacou a cidade de Nanquim.
- ¹⁸ A estas três obras dedicaremos, mais adiante, o nosso estudo.
- ¹⁹ O Pe. Francisco Rodrigues, S. J., no trabalho *Jesuítas portugueses astrónomos na China, 1583-1805* (Porto, Tipografia Porto Médico, 1925), nova ed., Instituto Cultural de Macau, 1990, p. 12, regista tratar-se da «carta que escreveu de Pequim a 7 de Setembro de 1678 ao rei D. Afonso VI, a

manifestar-lhe a ele e aos reis de Portugal, os sentimentos da sua muita gratidão pelos favores tão reais feitos à missão da China». Pelo já exposto, é óbvio que – mesmo podendo o Pe. Verbiest acreditar que D. Afonso VI ainda reinaria então em Portugal – a carta foi dirigida de facto, a D. Pedro II, irmão daquele e seu sucessor. – No que respeita ao diferendo de essa carta ser de 1 de Setembro ou de 7 do mesmo mês, não temos dúvida, perante o original aqui objecto do nosso estudo e que adiante publicamos que ela é do primeiro dia de Setembro. Não enjeitamos, no entanto, a hipótese de (como estas cartas circulavam em mais de uma *vía*), uma delas apresentar, por lapso ou não, a data referenciada pelo Pe. Francisco Rodrigues.

²⁰ As passagens do documento em latim podem ser lidas adiante em toda a extensão dessa fonte manuscrita em versão portuguesa. – Agradecemos ao coleccionador Sr. Rainer Daehnhardt o ter posto à nossa disposição este documento e autorizando a publicação da leitura paleográfica do mesmo na íntegra.

²¹ Razões ligadas a uma onerosa administração daquele território, por parte de Portugal a uma tão longa distância intercontinental, poderão ter estado na origem dessa decisão política no sentido de uma decisão negocial pró-alienação. Este problema, porém não pode ser hoje visto com alguma levandade, na medida em que existem numerosos outros factores em presença.

²² O autor da carta, encontrando-se em Pequim, refere-se neste passo à cidade de Macau.

²³ Alude a estes factos o Pe. Luis Buglio panormitano numa carta impressa em Roma em 1672 (cerca de dois anos depois da recepção dada pelo imperador da China aquele embaixador português).

²⁴ Insere-se nestes objectivos a mostra que, sob a nossa direcção científica, se realizou em Pequim em 1995. Vide *Intercâmbio cultural e científico entre a Europa e a China através do livro (sécs. XVI-XVIII). Exposição bibliográfica organizada pela embaixada de Portugal e pela Livraria Humanística (LHITIPOR), por ocasião da visita de estado à China de Sua Excelência, o Presidente da República, Dr. Mário Soares*, Pequim, Abril de 1995.

²⁵ Em relação ao primeiro desses períodos, o século XVI, remetemos para a nossa Tese de Doutoramento, *A Tipografia Quinhentista de Expressão Cultural Portuguesa no (Índia, China e Japão)*, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1997, em 4 tomos, num total de c. 1600 pp. No que diz respeito ao segundo desses períodos, remete-se para *A Tipografia de Expressão Cultural Portuguesa no Oriente nos séculos XVII e XVIII (Índia, China e Japão)*, Tese de Mestrado apresentada à mesma Faculdade e Universidade, 1990, em 2 tomos, num total de c. 650 pp. A reprodução de ambas é policopiada.

²⁶ Este estudo, da maior importância científica para o presente trabalho, foi publicado in rev. *Monumenta Serica, Journal of Oriental Studies of the Catholic University of Peking*, vol. X, Pequim, 1945, pp. 1-57; e (2ª. Parte), pp. 309-388.

²⁷ H. Bernard, *op. cit.*, Lista A (do Pe. Rodrigo de Figueiredo), pp. 20-22. Remetemos, também, para o nosso estudo

«O sinólogo coruchense Padre Rodrigo de Figueiredo. Para uma História da Leitura em Kaifeng, na China do século XVII», in *Actas das Conferências da Biblioteca Municipal de Santarém, Janeiro a Abril de 1995, Santarém os homens e a cidade na época dos Descobrimentos*, Câmara Municipal de Santarém, 1995, pp. 29-65.

²⁸ H. Bernard, *op. cit.*, Lista B (do Pe. Alegambe), pp. 23-27.

²⁹ Idem, *ibidem*, Lista C, (do Pe. Aleni), pp. 27-31.

³⁰ Idem, *ibidem*, Lista D (do Pe. Martini), pp. 31-35.

³¹ Idem, *ibidem*, Lista E (do Pe. Kircher), pp. 35-40.

³² Idem, *ibidem*, Lista F (do Pe. Southwell), pp. 40-46.

³³ Idem, *ibidem*, Lista G (do Pe. Philippe Couplet), pp. 47-56.

³⁴ O Pe. Couplet, que deixara a China em 1681, morreu perto de Goa em 1692. Vide Joseph Dehergne, S. J., *Répertoire des Jésuites...*, ed. ant. cit. (1973), pp. 66-67. O Pe. Ferdinand Verbiest dirigiu três cartas (pelo menos) ao Pe. Couplet. Foram elas datadas em 23 de Janeiro e em 20 de Agosto de 1670 – presumivelmente pouco depois de ter sido impressa em Pequim a primeira versão do Catálogo G a que atrás fizemos referência – e uma outra de 4 de Outubro de 1683.

³⁵ H. Bernard, *op. cit.*, p. 47.

³⁶ Idem, *ibidem*, p. 370.

³⁷ Idem, *ibidem*, p. 370.

³⁸ Idem, *ibidem*, p. 370. Vide ainda o estudo de Grete E. J. Moortgat, «On dating the *Pu-te-I Pien* by Ferdinand Verbiest», in *Actes du Ve Colloque International de Sinologie*, Chantilly, 1992, Universidade de S. Francisco, The Ricci Institute for Chinese-Western Cultural History e Taipé-Paris, Institut Ricci, 1995, pp. 243-266.

³⁹ Idem, *ibidem*, pp. 370-371.

⁴⁰ Idem, *ibidem*, p. 371.

⁴¹ Idem, *ibidem*, p. 371.

⁴² Idem, *ibidem*, p. 372.

⁴³ Idem, *ibidem*, p. 372.

⁴⁴ Idem, *ibidem*, p. 372.

⁴⁵ Idem, *ibidem*, p. 372. Na Newberry Library, Chicago, EUA, encontra-se a carta circular de Antoine Thomas, descrevendo, pouco depois da morte de Verbiest, mais precisamente em 1691-1692, a obra desenvolvida pelo missionário flamengo na missão da China.

⁴⁶ Idem, *ibidem*, p. 373.

⁴⁷ Idem, *ibidem*, p. 374.

⁴⁸ Idem, *ibidem*, p. 374.

⁴⁹ Idem, *ibidem*, p. 374.

⁵⁰ Idem, *ibidem*, p. 374.

⁵¹ Idem, *ibidem*, p. 374.

⁵² Idem, *ibidem*, p. 375. Sobre este *Mappa Totius Mundi* remete-se de igual modo para o estudo de Lin Tong-yang, «Aperçu sur la mappemonde de Ferdinand Verbiest, le *K'un-yu-ch'uan-t'u*», in *Actes du Ve Colloque International de Sinologie*, Chantilly, 1986, Universidade de S. Francisco, The Ricci Institute for Chinese-Western Cultural History e Taipé-Paris, Institut Ricci, 1993, pp. 145-174.

⁵³ Idem, *ibidem*, p. 375.

⁵⁴ Idem, *ibidem*, p. 375.

⁵⁵ Idem, *ibidem*, p. 376.

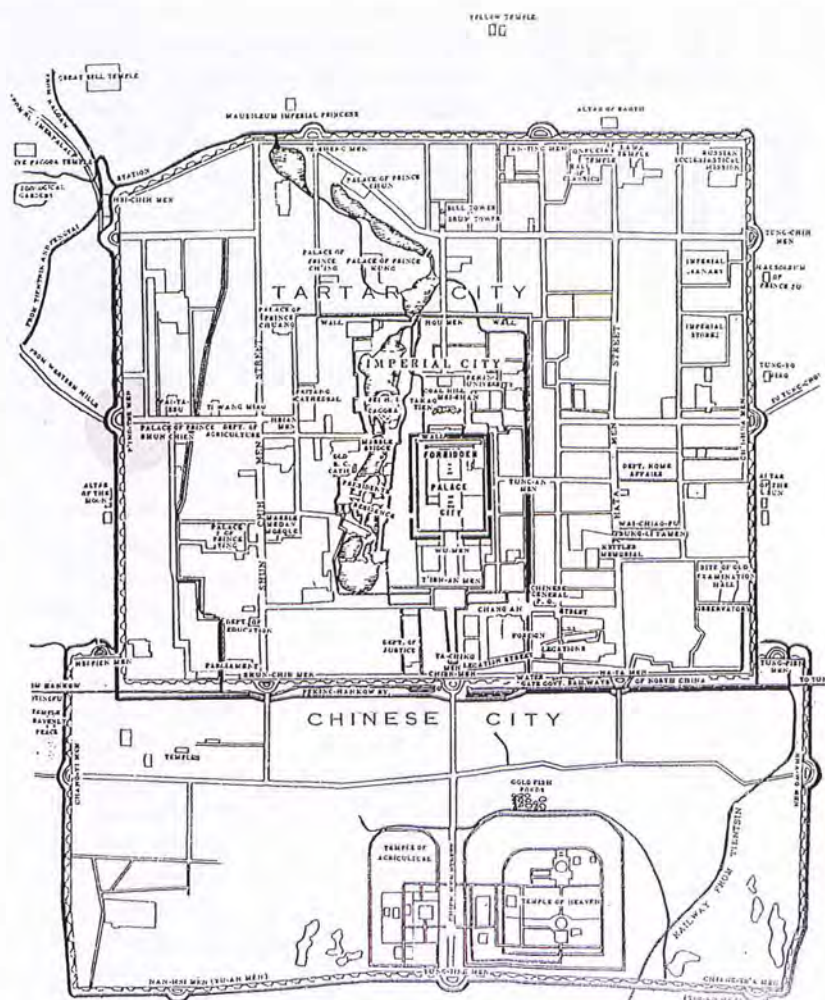
⁵⁶ Idem, *ibidem*, p. 377.

⁵⁷ Idem, *ibidem*, p. 377.

⁵⁸ Idem, *ibidem*, p. 378.

- ⁵⁹ O bibliógrafo Henri Bernard, S. J. editou o estudo intitulado «Ferdinand Verbiest, continuateur de l'oeuvre scientifique d'Adam Schall. Quelques compléments à l'édition récente de sa correspondance», in rev. *Monumenta Serica*, vol. V, Pequim, 1940, pp. 103-140, onde analisa comparativamente (in pp. 126-133) as contribuições dos Pes. Adam Schall e Ferdinand Verbiest no âmbito da *Astronomia Perpetua*, editada em Pequim no reinado de Kangxi.
- ⁶⁰ Henri Bernard, S. J., «Les Adaptations chinoises...», *op. cit.*, (1945), p. 378.
- ⁶¹ Idem, *ibidem*, p. 378.
- ⁶² Idem, *ibidem*, p. 378.
- ⁶³ Idem, *ibidem*, p. 380.
- ⁶⁴ Idem, *ibidem*, p. 381.
- ⁶⁵ Idem, *ibidem*, p. 381.
- ⁶⁶ Idem, *ibidem*, p. 382.
- ⁶⁷ Idem, *ibidem*, p. 382.
- ⁶⁸ Idem, *ibidem*, p. 382.
- ⁶⁹ Idem, *ibidem*, p. 382.
- ⁷⁰ Vide no elenco das obras de Verbiest esta obra referenciada sob o n.º 19 (Couplet, n.º. 232; H. Bernard, n.º. 468).
- ⁷¹ Vide nosso trabalho (de 1990), atrás, in n. 11.
- ⁷² O Dr. Jin Guo Ping, sinólogo, colaborou então conosco na tradução deste título e de outras passagens da mesma obra, ajudando-nos a compreender melhor o sentido – e enquadramento histórico-bibliográfico – da mesma.
- ⁷³ J. Créteineau-Joly, in *Histoire Religieuse, Politique et Littéraire de la Compagnie de Jésus composée sur les documents inédits et authentiques*, Ed. Paul Mellier, t. V, Paris, 1845, pp. 51-53, referencia alguns dos mais significativos contributos que o Pe. Verbiest deu à civilização chinesa no âmbito científico e missionário.
- ⁷⁴ A respeito da sucessão, à frente do Tribunal das Matemáticas, do Padre Ferdinand Verbiest, refere o Pe. Francisco Rodrigues, in *Jesuítas portugueses astrónomos na China, 1583-1805*, ed. ant. cit. (1925): «Não é logo para estranhar, antes muito natural que o imperador à morte do P. Verbiest [...] se lembresse do P. Tomas Pereira para lhe suceder no honríssimo cargo. Excusou-se eficazmente o Padre e de acordo com o P. António Tomás, distinto matemático belga, propôs para aquela presidência, ou seja, do Tribunal das Matemáticas, de Pequim, o abalizado astrónomo P. Philippe Grimaldi, por esse tempo ausente na Europa. O imperador, assombrado da excusa, aceitou a proposta e determinou que entretanto ficasse o P. Pereira Presidente interino tendo por adjunto o P. António Tomás...» (p. 19).
- ⁷⁵ O Abade Grosier, na obra *Description Générale de la Chine*, t. II, Paris, 1787, edita, em gravura, in pp. 418-419, quer uma esfera (de observação) do imperador da China, quer um observatório astronómico. O Pe. Amiot, por seu lado, nas *Mémoires concernat l'Histoire, les Sciences, les Arts, les Moeurs, les Usages, etc. des Chinois; par les Missionnaires de Pe-kin*, t. XI, Paris, Nyon, 1786 (LHITIPOR) – antecedendo o sub-capº. «Notices sur différents objects d'Astronomie...» (pp. 269-273) – apresenta uma planta do antigo Observatório de Pequim no séc. XVII, comparativamente com a planta do mesmo nessa década do século XVIII.
- ⁷⁶ Vide H. Stierlin, «Les observatoires astrologiques de Jaipur et Delhi», na obra *Inde – Des Moghols aux Maharajas*, Paris, Ed. Payot, 1985, p. 169.
- ⁷⁷ Vide Catherine Cardinal, «L'Horlogerie dans la Vie Scientifique, Economique et Artistique du Milieu du XVIIe. Siècle à la Fin du XVIIIe. Siècle – I. Les progrès de la technique horlogère, témoignage de l'essor des sciences et des techniques», na obra *L'Horlogerie dans l'Histoire, les Arts et les Sciences, Chefs-d'oeuvre du Musée international d'horlogerie de la Chaux-de-Fonds*, Lausanne-Suíça [em colaboração com a editorial Franco-Maria Ricci], Ed. Scriptor, 1983, pp. 41-42.
- ⁷⁸ Remete-se para a reprodução dos instrumentos astronómicos em causa na edição em *fac-simile* dessa espécie bibliográfica existente no Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa), *Observatório Astronómico de Pequim, Catálogo de Exposição Iconográfica*, com nota introdutória do embaixador João de Deus Ramos, Macau, 1994.
- ⁷⁹ Vide no capº. 4.1 destenosso estudo esta obra referenciada sob o n.º. 26 (Catº. Henri Bernard, n.º. 495).
- ⁸⁰ Louis Frédéric, *Kangxi, Grand Khan de Chine et Fils du Ciel*, Paris, Ed. Arthaud, 1985, p. 182.
- ⁸¹ Id. *ibidem*, pp. 182-183.
- ⁸² Id. *ibidem*, p. 183. Poder-se-á referir, a este respeito, que quando em 1697 é impressa a obra *Nouveaux Mémoires sur l'état present de la Chine*, do Pe. Louis Le Comte – nos prelos de Jean Anisson, director da «Imprimerie Royale», em Paris – o autor da obra surge, na portada de tal edição, assim designado: «[...] le P. Louis Le Comte de la Compagnie de Jesus, Mathématicien du Roy» (sic). Estava salva-guardada, pois, perante a Santa Sé, e ante as mais altas autoridades do *Padroado Português* (do Oriente), o seu estatuto de religioso da Companhia de Jesus que visitara a China e publicava, agora, as suas impressões de tal viagem. [Ver n. seguinte].
- ⁸³ Sobre Le Comte remetemos para Louis Pfister, *Notices Biographiques et Bibliographiques...*, ed. ant. cit., Tomo I (1932), pp. 440-443. Registe-se que este padre era natural de Bordéus onde nasceu em 10 de Outubro de 1655. A sua chegada a Pequim ocorreu em 7 de Fevereiro de 1688. Daí se conclui que a sua estadia nessa cidade chinesa é muito posterior à publicação, por parte de Ferdinand Verbiest, quer da obra *Liber Organicus – Para um Novo Esferograma* (1674) quer mesmo da *Epistola [...] ad Socios missa* (1678).
- ⁸⁴ Sobre a partida de Claude Visdelou para a China, bem como a sua acção nesse território, remetemos para o nosso próprio trabalho *Algumas Fontes Inéditas (existentes na Biblioteca da Ajuda em Lisboa) sobre a Evangelização da China pelos... franceses Visdelou, Maigrot e Fouquet*, comunicação apresentada no «XXXI International Congress for Asian and North African Studies», vulgo Congresso Internacional de Orientalistas, Hamburgo (R.F.A.), 25-30 de Agosto de 1986. Destacamos, neste âmbito, em particular as pp. 16-17 e 19-20.
- ⁸⁵ Apresentam-se contidas nessa obra xilográfica, com efeito, as assinaturas dos seguintes religiosos, por esta ordem: «Anthonius Thomas vice Prov(incia)lis Sinensis; Philippus Grimaldi Rector Pekinensis; Thomas Pereyra; Joannis

Carta de Pequim da autoria de Cook. Assinala-se, à direita, a localização do Observatório Astronómico de Pequim; ao centro a Cidade e Palácio Imperial; e à esquerda, num círculo, o cemitério de Chala onde ficou sepultado, em 1688, o Pe. Ferdinand Verbiest. Juliet Brendon, *Peking*, 1922.



Franc. Gerbillon; Josephus Suares; Joachimus Bouvet; Rili-anus Stumpf; I. Baptista Reg.; Ludovicus pernoti; dominis parrenin, omnes ex Soc(ieta)te Jesu sacerdotes». – Sobre a edição da *Brevis Relatio Eorum...*, remetemos para a nossa dissertação ant. cit. (1990), t. II, Registo Catalográfico II-09 [1701-1702], último fólio.

⁸⁶ De assinalar que já em 1674, período da produção da sua obra *Liber Organicus – Para um Novo Esferograma*, Verbiest havia publicado, pela técnica xilográfica, o *Mappa Totius Mundi* (Catº. Couplet, nº 238; Catº. Hri Bernard,

nº. 465). Vide o estudo e reprodução do mesmo, por parte de Monique Cohen e Nathalie Monnet, no catálogo *Impressions de Chine*, Paris, Biblioteca Nacional, 1972, nº. 79, pp. 126-127 (compilação documental esta em que, sob o nº. 78, in p. 125, é estudado o *Liber Organicus* do mesmo autor).

⁸⁷ Louis Pfister, *Notices Biographiques...*, op. cit., t. I, p. 361. Tratava-se, segundo L. Pfister, de «uma carta de apelo a todos os Jesuítas da Europa, em latim [...] e traduzida em francês, in 12º, Paris, [Gabriel] Martin, 1682, na qual ele convida os seus irmãos de fé, pelos mais preocupantes motivos, a ir em socorro da missão da China». – Acerca do impressor Gabriel Martin I (165?-1692?), impressor desta carta na sua versão francesa remete-se para Jean-Dominique Mallot/Élisabeth Queval, *Répertoire d'imprimeurs/libraires, XVIe-XVIIIe siècle*, Paris, Biblioteca Nacional de França, 1997, p. 421, onde se afirma que o mesmo impressor, estabelecido na Rue de S. Jacques, poderá ter falecido c. 1692.

⁸⁸ Francisco Rodrigues, *Jesuítas portugueses astrónomos na China*, ed. ant. cit (1925), capº. I, n. 3.

⁹⁰ Tomamos em consideração alguns dos estudos sinológicos sobre Verbiest mais recentemente publicados como o de Lin Tong-yang, de 1986 (vide, atrás, n. 52); e o de Greter E. J. Moortgat, de 1992 (vide nossa n. 38).

⁹¹ Vide de John W. Witek, «The Missionary Leadership of Ferdinand Verbiest: Some Perspectives», in *International Conference in Honor of Ferdinand Verbiest. Commemoration of 300th Anniversary of his Death, 1688-1988*, Taipé, 1988, pp. 151-163; e a edição *Ferdinand Verbiest (1623-1688). Jesuit Missionary, Scientist, Engineer and Diplomat*, Nettetal, Steyler Verlag, colº. «Monumenta Serica Monograph Series», nº. XXX, 1994. Agradecemos ao Pe. John W. Witek o ter-nos comunicado, por carta de 28 de Setembro de 1998, os resultados das suas mais recentes pesquisas sinológicas.

⁹² Remete-se para Archie R. Crouch, Steven Agoratus, Arthur Emerson e Debra E. Soled, *Christianity in China. A Scholars' Guide to Resources in the Libraries and Archives of the United States*, prefácio de John King Fairbank, Armonk, Nova Iorque/Londres, M. E. Sharpe, Inc., 1989, pp. 133-134. Assinala-se que nesta mesma biblioteca da Universidade do Kansas se encontra também um exemplar da *Epistola...ad Socios missa*, de Verbiest, em xilogravura, de 15 de Agosto de 1678.

⁹³ Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana...*, Lisboa, Oficina de Inácio Rodrigues, 1752, pp. 422-424.

⁹⁴ Para além da referida obra de Barbosa Machado, fazem menção à produção intelectual de D. Maria de Guadalupe Lencastre e Cardenas, Jorge Cardoso, no *Agiolégio Lusitano* (obra publicada em 3 vols., em Lisboa, em 1652, 1657 e 1666, portanto ainda em vida da Duquesa de Aveiro); Frei Agostinho de Santa Maria, no *Santuário Mariano*; e D. António Caetano de Sousa, na *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*.

⁹⁵ A *Bibliografia Cronológica da Literatura de Espiritualidade em Portugal. 1501-1700*, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras do Porto, 1988, não mencionando esta obra permite arquitectar a hipótese de ela já ter sido produzida entre 1701 e 1715 (a já referida data da sua morte).